

# O DIA EM QUE CONHECI VOVÓ

Conto infanto-juvenil que se integra à fantasia natural e criatividade das crianças e dos jovens, divertindo, educando e somando para o desenvolvimento do caráter, valores morais, cidadania, consciência ecológica, valores de família, cultura, conhecimento, espiritualidade, respeito aos educadores, incentivo ao estudo, ordem e disciplina. Livro destinado a crianças e jovens que apreciam leituras inteligentes, sensíveis, culturais, educativas e temas da realidade social brasileira.

**CONTO COM MAIOR CONTEÚDO LITERÁRIO, UM MELHOR EXERCÍCIO DE LEITURA.**

*Sinopse:*

*O livro conta a história de Laís e o dia em que parou para perceber uma presença muito importante em sua casa, mas que não era notada por ela - sua avó. Acostumada a ver sua avó Matilde sempre às voltas com o seu tricô, ajudando na cozinha, quieta em um canto lendo a bíblia, assistindo a televisão, preocupada sempre em não incomodar, Laís sentiu a falta de sua avó no dia em que completou 15 anos de idade, na festa de debutante. Soube que sua avó não estava se sentindo bem e preferiu ficar em casa. Para sua querida avó não comparecer à sua festa, Laís sabia que algo muito sério poderia estar acontecendo. Assim, passou a conviver com sua avó com maior frequência, conversando com ele e ouvindo suas histórias. E verdadeiros tesouros de valores e histórias foram resgatadas do seu rico passado. A partir deste momento, nasceu uma nova relação de amizade e amor entre ambos, através de um novo e mágico conhecimento da alma e sentimentos humanos. Revivendo o seu passado, sua história profissional e suas brincadeiras de criança, a avó revive com a neta a sua vida e rejuvenesce em sua velhice.*

João José da Costa



## Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que dedicam parte de suas vidas para educar, de alguma forma, as crianças, com a missão e a crença de que nelas está a esperança de um mundo melhor.

Em especial, aos pais, professores e avós, triângulo básico da educação infantil.

Agradeço a Deus pela criança que Ele, ainda, permite existir em mim.

J. J. Dacosta

Olá! Eu sou a Laís. Minha família e meus amigos me chamam pelo apelido de Lalá.

Eu moro com o meu pai João Geraldo, minha mãe Arlete e o pestinha de meu irmão Victor. Pestinha porque ele não me dá sossego o dia inteiro e me inferniza com perguntas que eu não sei responder.

‘Por que existem as marés?’.

‘De onde vem o perfume das flores?’.

‘Os animais podem falar uns com os outros?’.

‘O que faz com que a água do mar seja salgada?’.

‘Os peixes dormem debaixo da água?’.

‘Como é que as moscas podem andar pelo teto?’.

‘Por que os peixes não podem viver fora da água?’.

‘Como as ostras fabricam as pérolas?’.

‘Como funciona a lanterna do vaga-lume?’.

‘Por que o pato não se molha quando nada?’.

‘Por que alguém com dificuldades de aprendizado é chamado de burro?’.

Ah, Victor. Poupe-me! Ninguém merece um irmão assim! Mas, na verdade, eu amo de coração este meu querido pestinha!

Ah! Estava me esquecendo. Em casa mora, também, minha avó Matilde. Ela é tão quietinha que a gente até se esquece que ela mora lá em casa. Minha avó é viúva e estamos acostumados a vê-la sempre às voltas com o seu tricô, ajudando na cozinha, quieta em um canto lendo a bíblia ou assistindo televisão, sempre preocupada em não incomodar.

Meus pais inventam um monte de coisas para pedir para ela fazer. Ela ajuda fazer o almoço, vai até a padaria próxima de casa, faz bolos todas as semanas, ajuda lavar algumas peças de roupa, lava louças, entre tantas outras coisas. Eles acham que, assim, estão dando uma oportunidade a ela para se manter ocupada.

Eu sempre olhei minha mãe, meu pai, meu irmão e minha avó do jeito que são. Assim, eu achava que eles sempre tiveram a idade que eles têm hoje.

Eu nunca tinha pensado que todos eles já foram crianças um dia, cresceram, casaram, tiveram filhos e que estão envelhecendo.

As crianças vivem o momento presente com suas brincadeiras, estudos e seus amigos. Geralmente, elas não prestam muita atenção na vida dos adultos.

Mas, eu não! Eu noto que a rotina de um dia de meus pais e de minha avó é muito parecida com a rotina do dia anterior.

Meu pai sai apressado todos os dias, engolindo o café da manhã, sempre dizendo que um trânsito infernal e uma pilha de serviços o esperam.

Minha mãe também tem sua rotina. Ela cuida da casa e das compras, toma minha lição e leva o Victor e eu para todos os lugares que precisamos ir.

Algumas vezes ela está contente, outras vezes está batendo panelas ou gritando, nervosa com os seus compromissos, dizendo:

- Ninguém valoriza o trabalho da dona de casa!

Minha avó somente quebra sua rotina conhecida, de vez em quando, para pedir ao meu pai ler a bula, a mesma bula que o meu pai lera para ela no dia anterior. Acho que ele se esquece que já pediu ao meu pai para ler as bulas de seus remédios e pede de novo.

Talvez, quem sabe, ela quer chamar a atenção de meu pai.

Mas, houve um dia mágico em minha vida que eu conheci vovó.

- Mas, como assim? Vocês poderão perguntar.
- A sua avó não mora com vocês? Você já não a conhecia?

Realmente, mora com a gente por muitos anos. Mas, eu não conhecia vovó. Fui acostumada a ver aquela velhinha quieta, de passos lentos, olhos serenos, calma e paciente, em sua rotina diária.

Mas, eu não conhecia vovô, até que um dia...

A avó Matilde estava vendo um álbum de fotos antigas, quietinha no seu quarto na edícula que fica nos fundos da casa. Ela estava tão compenetrada e quieta que demorou para perceber que eu me sentei ao seu lado.

- Oi, é você Laís! Que bom que você veio me ver!

Vovó era a única da casa que gostava de me chamar pelo nome Laís.

- Oi, vó. O que a senhora está fazendo?

- Ah, estou vendo algumas fotos antigas do tempo de meu namoro com o seu avô.

- Nossa, vó. Como vocês eram jovens e lindos! Sinceramente!

- Bondade sua, Laís.

- Mas, vó! Conte como foi que vocês se conheceram e começaram a namorar! Conte!

E minha avó olhando ternamente para mim, se encorajou a falar um pouco de sua história, mostrando-se até surpresa com o meu interesse.

Era como se ela pensasse:

- É a primeira vez que alguém desta casa me faz esta pergunta!

E vovó, após me servir um copo de suco de laranja, começou a falar. Eu puxei dois travesseiros, me encostei na cabeceira da cama e me dispus a ouvir.

- E fui uma professora normalista. Como dizia o meu primeiro namorado e meu futuro marido:

- ‘Mas, a normalista linda não pode casar ainda. Só depois que se formar. Eu estou apaixonado. O pai da moça é zangado. E o remédio é esperar’. Lembra-se desta composição de Benedito Lacerda e David Nasser?

- Não, vó. Não conheço esta música!

E vovó continuou:

- E o senhor Alberto era realmente muito bravo. Meu pai não aprovara meu namoro com o Paulo, o Paulinho como eu costumava chamá-lo. Ele era estudante, não trabalhava e isto para o meu pai era algo que ele não se permitia aceitar. ‘Você precisa arrumar um namorado de verdade, um homem trabalhador e não um estudante!’, dizia meu pai.

Esta era uma visão muito comum dos pais da época, principalmente, os pais, como o meu, que exerciam as atividades operacionais em cargos conhecidos como ‘trabalhadores’. Meu pai era um pedreiro. E um pedreiro dos bons!

Assim, talvez, ele ficaria muito mais contente se eu tivesse namorando um outro ‘trabalhador’ como ele. Estudantes, na época, tinham fama de serem ‘filhinhos de papai’. Mas, nosso namoro seguiu sem a aprovação de meu pai e foi por ele rigorosamente vigiado. Compromisso mais sério, nem pensar!

Eu estava concluindo meu curso normal para ser uma professora. Assim, o Paulinho cantarolava este trecho da música quando falávamos de planos de noivado e casamento.

- E a senhora nunca ficou com outro menino? Perguntei.

- Ficar, querida. Nem pensar algo assim para aquela época! Naquela época o namoro era algo sério. Não se namorava por namorar. Namorava-se para casar e a virgindade era uma realidade presente aceita, admirada e respeitada. Eu tinha uma única irmã, mais velha do que eu. Nossa diferença de idade era de 14 anos. E o rigor de meu pai foi muito maior com ela. O namoro era na sala, na presença de minha mãe ou de meu pai e nada de beijos e abraços. No máximo, os namorados podiam se dar as mãos. Quando eu me dei conta na vida, eu tinha por volta de 7 anos, eu vi minha irmã casada, com dois filhos, aos 21 anos.

A ‘normalista linda’ também se formou, mas nem chegou a exercer sua profissão de professora. Logo, eu estava casada aos 17 anos de idade, o Paulinho tinha 19, e cuidando, alguns anos depois, de três filhos, exercendo uma profissão mandatória e honrosa pela cultura da sociedade da época - dona de casa. Bem, o Paulinho formou-se alguns anos após nosso casamento. Ele sempre foi um estudante brilhante e se formou com louvor. Passou a ser o Dr. Paulo Alberto de Castro e fez uma brilhante e próspera carreira como advogado em uma das mais conceituadas consultorias jurídicas de São Paulo. E meu sisudo pai Alberto passou a respeitá-lo quando ele mostrou melhores condições para manter uma família. Marido de verdade para ele era aquele que podia manter uma família. Razão compreensível!

Minha mãe, sempre submissa ao comando de meu pai, fingia não aprovar o meu namoro com Paulinho, mas tinha um bom conceito dele no fundo de seu coração e às escondidas ela costumava me dizer:

- ‘Este rapaz me parece muito responsável e terá um grande futuro pela frente. Não ligue para o seu pai!’.

Intuição de mãe não falha!

- Que romântico, vó! Vocês, realmente, se amaram muito. E como era a vó bis? Infelizmente, eu não a conheci!

- Bem, as pessoas diziam que ela era muito parecida comigo, na fisionomia e na personalidade. Minha mãe costumava me falar, já idosa: 'A gente deveria nascer duas vezes. Assim, não cometeríamos, na segunda vida, os mesmos erros do passado e poderíamos ser muito mais felizes!'. Entretanto, a vida me ensinou e me levou a um pensamento diferente de mamãe. Eu acho que a maioria dos erros que cometemos se mostram erros muito anos depois. Principalmente, quando falamos de relações com as pessoas, com a família, como os filhos, genros, noras e netos.

Não cometemos muitas vezes erros conscientes. O tempo e as circunstâncias transformam muitos de nossos atos de certeza e boa fé em erros. E, particularmente, meu sentimento é que, mesmo nascendo duas vezes, cometeríamos erros diferentes, acreditando que era o melhor a ser feito em cada momento de nossas vidas antes que ela os rotulasse como erros.

Bem, e foi de minha mãe que eu ganhei uma lembrança que marcaria minha vida para sempre e faria com que eu adquirisse um hábito incomum. Certo dia minha mãe veio com algumas peças de roupas e me disse: 'Filha, estas eram roupinhas de sua infância. Esta aqui era de quando você ainda era um bebê. Esta outra, quando você fez o seu primeiro aniversário. E esta, quando você fez a sua primeira comunhão. Eu tinha mais lembranças suas, mas acabei dando para pessoas que precisavam delas. Mantive somente estas. Eu quero que você as guarde consigo!'

Eu era uma adolescente nesta época como você e, desde então, passei a guardar roupas de lembranças de momentos marcantes de minha vida. Eram roupas muito simples, algumas bordadas à mão por minha própria mãe. Assim, meu baú vivia sempre entulhado de roupas velhas. A maioria, lembranças de minha vida. Este hábito me seguiu até os dias de hoje e mal tenho espaço em meu guarda-roupa para as roupas de meu uso diário por guardar estas lembranças que não cabem mais no baú.

- Quantas peças de roupa, vó! E o que a senhora faz com elas?

- Hoje, na solidão de minha vida, não raras vezes tiro estas roupas do baú e do guarda-roupa e repasso toda minha existência, vendo fotos e filmes imaginários em minha mente que me transportam a um passado distante, revivendo momentos felizes, outros não, de minha vida. Meus três filhos casaram e cuidam de suas vidas, meus quatro netos cresceram e ocupam seu tempo à descoberta de seu futuro. Meu Paulinho se foi aos setenta anos. Ele



morreu como sempre desejava morrer - do coração. Ele tinha medo de ser acometido de alguma doença grave e incurável e passar por momentos de grandes sofrimentos. Infelizmente, todos meus filhos, genro, noras e netos têm muito pouco tempo para mim. Eu compreendo muito bem esta situação. A vida é assim mesmo. Eles estão em busca de seus sonhos, dedicando-se a mil e uma atividades e responsabilidades. Eu me esforço para entender isto.

- Mas, minha mãe e meus tios não visitam a senhora sempre?

No começo de minha viuvez, eles me visitavam com mais frequência. Com certeza procurando dar o apoio que eu tanto precisava nesta nova fase de minha vida. Depois, as visitas foram rareando. Os almoços de Páscoa, Natal e Ano Novo já não podiam contar com a presença de todos. Eles tinham outros planos de viagens com suas famílias nestas épocas. E tinham todo o direito disto. Apenas minha filha, sua mãe, marcava uma presença mais assídua. Os dois filhos eram atraídos para as famílias das noras que, intuitiva e habilmente, os levavam a uma maior convivência com os seus. Devo reconhecer que devo ter feito a mesma coisa!

Eu nunca tive problemas em entender e aceitar estas situações. Mas, confesso que meu coração pensava diferente do meu cérebro. Mas, procurei sempre mostrar alegria e satisfação com as migalhas de atenção que recebia. E as transformava em grandes eventos para mim. Uma passagem rápida de um filho no horário de almoço, um rápido bate-papo, um beijo e um abraço, eram suficientes para eu me entregar de corpo e alma a este rápido momento. Mesmo quando eu percebia que a minha conversa nem sempre era interessante para eles e os seus olhares se dispersavam e os levavam a dar foco em seus próprios problemas!

Mas, só de saber que algum deles viria para um almoço eu me entregava toda feliz à cozinha, procurando preparar algo que sabia que o filho ou neto visitante gostava. Uma rápida visita e um dia inteiro de agradáveis ocupações físicas e mentais. Ah! Como os filhos e netos não sabem o quão eles são importantes para nos dar ânimo e vida.

Mãe, seus bolinhos de batata com carne moída estão uma delícia!

Vó! Só aqui em como uma carne assada assim, como somente a senhora sabe fazer.

Eram palavras que ficavam se repetindo em minha mente durante horas. Quando eles se iam, eu já ficava na expectativa da próxima visita, sem saber dia e hora quando isto ocorreria.

Eu interrompi minha avó para reconhecer seus dotes culinários:

- Vó, até hoje seus bolinhos de batata e sua carne assada fazem sucesso! E vó, como foram os primeiros meses de sua viuvez, depois da morte do vovô? Deve ter sido muito difícil, não?

- Se foi, Laís, se foi! E até hoje é! Às vezes na quietude de minha solidão, eu repassava a correria que fora minha vida. Cuidar da casa e três filhos e levá-los ao médico, ao dentista, à escola, às festas de aniversários dos amigos, ao parque de diversões, à igreja, às aulas de inglês, natação, judô. Nos intervalos, preparar o almoço e jantar, os lanches para a escola. Quando crescidos, ficar acordada até que vinham das festas noturnas ou mesmo atravessando a madrugada de carro para apanhá-los nas portas dos locais de seus passeios e eventos noturnos. Aí, eles cresceram, casaram e esta rotina mudou completamente. Entretanto, vieram os netos e muitas destas atividades se concentraram nos netos, procurando colaborar com a vida agitada da filha e das noras. Mas, eles também cresceram, cuidaram de seu futuro.

- E, vó! Quando foi que senhora veio morar aqui em casa com a gente?

- De repente, eu não tinha quase nada para fazer. Eu sempre acreditei que esta vida agitada por décadas seguidas faria com que eu aproveitasse minha solidão para descansar de tantos esforços e sacrifícios. Mas, que nada! Aqui estou eu saudosa desta agitação e desta oportunidade de ser útil e importante para meus filhos e netos. A vida nos prepara contínuas surpresas até o seu final! A solidão dos primeiros meses e até anos após a viuvez é muito dolorosa. Eu me via sozinha na casa, andava de lá para cá, ligava e desligava o rádio e a televisão, varria o chão que já tinha varrido algumas horas antes e arrumava coisas que já estavam arrumadas. De vez em quando, olhava o movimento na rua, via pessoas nas mesmas rotinas em que eu me encontrava há muitos anos atrás. Sentia até um pouco de inveja. Não raras vezes me via falando sozinha! Aí, minha filha Arlete, com a concordância do meu genro, me convidou para ocupar esta edícula!

- E foi bom para a senhora, vó?

- Isto foi uma boa coisa para mim. A minha preocupação era não deixar minha solidão e o isolamento se transformarem em uma doença e me

levar a crises de depressão, além de outras enfermidades. Mas, eu começava a sentir que minha solidão estava afetando o meu estado emocional. Eu sentia tristeza, apatia e insatisfação. Sentia a falta de contatos e relacionamentos sociais agradáveis e importantes para mim. Temia perder minha autoestima, motivação e entusiasmo pela vida. Vendo minha tristeza, minha filha Arlete falou com o seu pai e ambos concordaram que eu ocupasse a edícula do fundo da casa. Foi algo maravilhoso que aconteceu nesta fase de minha vida e eu estou muito grata por isto.

- E, vó. Quem são estes aqui ao seu lado nesta foto de casamento?
- Estes são meus pais! Meus queridos e saudosos pais? Você não tinha visto estas fotos antes?
- Não, vó!

E vovó começou contar sua história:

- Eram meus pais. Muitas vezes eu penso nos entes queridos que se foram, como minha mãe, meu pai, minha irmã e meu marido. Ficava feliz quando tinha a graça de sonhar com eles, vendo-os falar, sorrir, brincar. Às vezes os sonhos eram de momentos que eles viveram de tristezas e mágoas. Mas, sempre acordava com uma sensação boa, como minha alma tivesse viajado até onde eles estavam e, sendo gentil comigo, matava minhas saudades. Quando isto acontecia, eu ficava refletindo qual a avaliação que fizeram do meu relacionamento com eles. Será que fui uma boa filha, uma boa irmã, uma boa esposa? Poderia ter feito mais por eles? Mesmo que, involuntariamente, contribui para a tristeza ou infelicidade deles com os meus atos?

- Apesar de minha autoavaliação no geral ser positiva, eu sempre tinha uma sensação de ter ficado ‘devendo’ para eles, de alguma forma. Quando digo ‘devendo’ não estou me referindo a uma dívida de apoio, suporte material e financeiro. O Paulinho nunca deixou faltar nada para os meus pais. Como pedreiro, meu pai trabalhou sempre por conta própria e se descuidou da previdência social. Assim, sua aposentadoria somente foi possível com a contribuição mensal que o Paulinho proporcionava. Mas, com certeza eu poderia ter feito mais, passeado mais com os meus pais, marcado uma presença mais frequente em sua casa, me interessando mais pelos seus problemas, ajudando-os a realizar sonhos que não me contavam. Talvez por achar que eu não me interessaria de ouvi-los. Poderia tê-los levado mais vezes para almoçar fora, passear de mãos dadas nos parques. Não os deixaria esperando em vários domingos com uma gostosa

macarronada, que algumas vezes não tive o gosto de saborear e que ficava sobrando na panela, porque não encontrei tempo para visitá-los.

- Penso, especialmente, em minha mãe nestas oportunidades. Meu pai era um homem de pouca fala. Assim, minha mãe aguardava com muita ansiedade a minha presença aos domingos. Com certeza, tinha muita conversa pronta para jogar fora. E, não raras vezes, eu não aparecia ou, se aparecia, era uma rápida passagem, uma passagem quase protocolar que não abria tempo para minha querida mãe falar o que tinha se preparado para falar. Eu estava na fase de maior agitação de minha vida com três crianças pequenas para cuidar. E meus pensamentos se voltam, também, para o meu pai. Ele não falava muito. Mas, sempre vinha com sua caixa de remédios para que eu lesse as bulas e explicasse suas doenças. Nas primeiras vezes, li várias bulas. Mas, como ele sempre trazia sua caixa de remédios em minhas visitas, eu me desinteressei em ler as bulas e me limitava dizendo: Pai, se os médicos receitaram é para o senhor tomar estes medicamentos! Entretanto, o que eu talvez não percebesse, é que ele procurava chamar a minha atenção, algo como: Minha filha, eu não sou de conversar muito. Aliás, nem sei conversar direito. Mas, olha como eu tenho problemas de saúde e preciso que você converse comigo e me dê atenção, também!

- E com relação ao vovô, como a senhor se sente? Eu quis saber.

E vovó respondia paciente e lentamente:

- Com relação ao meu marido, a minha sensação era a mesma. Creio que fui uma boa esposa, mas, igualmente, sinto que fiquei 'devendo'. Quantas discussões desnecessárias, que poderiam ter sido evitadas, se eu tivesse tido mais paciência com rotinas bobas da casa. Que importava se ele deixava o banheiro molhado após o banho ou cascas de queijo em cima da toalha da mesa? Ou quando me pedia para fritar um ovo quando eu estava assistindo a novela e a cozinha já estava limpa? Ou quando ele fazia brincadeiras e eu reagia negativamente tirando o seu bom humor? E, quantas vezes, eu impliquei com ele por preferir usar roupas velhas, deixando as novas no guarda-roupa? Ele dizia que se sentia mais à vontade assim para fazer o que ele gostava, como: sentar no chão, entrar na mata para observar uma flor ou um animal. Quantas discussões desnecessárias todas as vezes que ele falava em instalar na cozinha um filtro de água de cerâmica. Eu não queria, achava que não combinava. Ele aceitava meu 'não', sempre me considerou a 'dona da casa'.

- Se pudesse tê-lo de volta eu fritaria um ovo mesmo que fosse à meia-noite! E secaria o banheiro sem problemas, tiraria as cascas de queijo da

toalha sem maiores discussões, daria boas gargalhadas de suas brincadeiras, diria que ele ficava bem com suas roupas velhas! Tomaria junto com ele a água fresca do filtro de cerâmica. Fiquei devendo também as caminhadas pelas montanhas e parques nacionais que ele gostava de fazer e o fazia sempre sozinho. Este tipo de passeio não era do meu interesse e eu preferia ficar em casa aguardando a visita de filhos e netos para um almoço ou bate-papo. Mas, no geral, creio que ele faria uma boa avaliação minha como esposa, com certeza.

- Seu avô era um filósofo nato! Ficaram gravadas em minha mente algumas frases de sabedoria de vida que ele gostava de formular:

‘A vida para ninguém se desenvolve de maneira completa, redonda e perfeita. Todos, mais tarde ou mais cedo, vão se deparar com um problema muito sério e grave em suas vidas. Sabe por que isto acontece? A vida (ou Deus?) sempre reserva uma parte de profundas tristezas, fracassos, frustrações, derrotas e perdas. Eu acho que é para o ser humano aprender a não ser arrogante e prepotente, cultivar a humildade e solidariedade, buscar apoio nas amizades e, principalmente, buscar a Deus!’.

‘A beleza, a verdade e a sabedoria da vida estão na simplicidade e no convívio com a Natureza’.

‘Quando você sentir desejo quase inexplicável de ajudar uma pessoa, vindo do fundo de sua alma, mesmo que a pessoa é uma desconhecida, é Deus que fez com que você cruzasse o caminho desta pessoa para cumprir uma missão de ajudá-la’.

‘Se para manter um padrão de vida elevado você tem que viver endividado e tendo que desgastar sua saúde e sua mente com muitas preocupações e um trabalho escravo, lembre-se que é chegada a hora do desapego material em sua vida. Não importa se o invólucro de sua cama é uma simples morada ou uma rica mansão. O que importa é a qualidade de seu sono!’.

‘Deus construiu gigantescos jardins para os homens, mas eles preferiram erguer, cada um deles, suas cercas’.

‘O Diabo não conseguia vencer Deus. Então, ele se travestiu de dinheiro. Esta é razão de nossa sociedade estar em um processo de degradação moral e de valores éticos’.

‘Na vida perseguimos sonhos e fazemos projetos e, algumas vezes, nos enganamos inconscientemente. Na velhice, precisamos continuar nossos sonhos e projetos, nos enganando conscientemente’.

‘Eu acho que, quando morremos, adquirimos a graça divina de viajar pelo infinito e desfrutar da extraordinária beleza do Universo eternamente. Esta seria a única explicação para Deus ter criado o Universo Infinito!’.

- Quando voltávamos de um passeio que tivéramos com o objetivo de descansar e relaxar, como sempre com muitos imprevistos de trânsito, mal tempo e outros contratemplos, ele costumava dizer:

‘Ah! Como cansa descansar!’. Ou ‘Como estressa relaxar!’.

- E, já no final de sua vida, ele registrou sua última frase, indisposto que estava de aprender qualquer outra coisa:

‘Não sei, nem quero saber porque, se aprender, vou ter que fazer!’.

- Dele tenho poucas fotos. Ele não gostava de tirar fotos, principalmente depois que passou dos 60 anos. Ele achava que as fotos mostravam uma pessoa diferente da que ele via no espelho. A imagem do espelho ele reconhecia como dele, a da foto não. No espelho, ele se via mais jovem e com melhor aparência. E ele achava que as fotos o deixavam triste e de aparência mais velha. Eu e meus filhos nunca notamos diferença entre a imagem do espelho e as das fotos. Mas, ele via a diferença com clareza e evitava tirar fotos.

- Alguns anos antes de falecer, ele quis desapegar-se de todos os bens imóveis que havia acumulado ‘para os anos difíceis’. Ele achava que administrar estes bens começava a pesar em sua mente. Ele queria se livrar de todos eles. Fez doações para os filhos, outros ele vendeu. E ele dizia que passou a se sentir muito bem desta forma.

- Agora, podia passear nos parques livre e solto, sem sentir a responsabilidade pela administração, problemas e despesas de ter imóveis próprios. A verdade é que ele sempre procurou valorizar o Ser do Ter. Mas, estes imóveis, na fase vida que se encontrava, o estavam prendendo ao Ter prejudicando o Ser. Ele queria se libertar disto. E conseguiu de forma muito feliz. Se soubesse o quanto isto me faria bem, o teria feito bem antes! Repetia sempre.

- Até hoje eu me lembro, em um dos passeios em família, que um de meus filhos perguntou ao pai, já com os seus 65 anos de idade, se ele gostaria de ser jovem novamente. E ele nos surpreendeu com a resposta:

‘Pedrinho, naturalmente toda a pessoa com certa idade gostaria de poder voltar ao seu tempo de juventude. Mas, não é o meu caso. Durante minha vida eu tive que lutar muito, competir com pessoas poderosas, crescer na vida à custa de muito esforço, sofrimento e dedicação no meu trabalho e, em muitas vezes, até tendo que enfrentar humilhações para aprender. Tive que abandonar a família para, paradoxalmente, sustentar e proteger a própria família. Não, não gostaria de passar por tudo isto novamente. A minha fase agora é, talvez, a melhor fase que estou vivendo em toda a minha vida, apesar dos problemas de saúde que o tempo, infelizmente, premia os mais idosos. O velho, Pedrinho, é um vencedor, uma pessoa de sucesso e é assim que dever ser visto pelos mais jovens. Eles já chegaram lá, venceram os obstáculos da vida e continuaram mantendo a própria vida. E não foram poucos os obstáculos. Passaram pelos riscos da violência, das doenças, passaram por depressões e frustrações. É assim que eu me sinto. Hoje eu estou mais tranquilo, sinto-me feliz e em paz comigo mesmo. Deixei para trás todo o lixo inútil que eu mantinha em minha mente e que me davam paradigmas errados de vida. Se um problema antes me estressava ao extremo, hoje eu encaro um problema com serenidade e tranquilidade. Durmo bem. Sinto-me seguro. Definitivamente, não gostaria de voltar atrás e passar por tudo novamente. Estou usufruindo a paz que somente a sabedoria de muitos anos de vida dá. E é esta sabedoria que eu e muitos velhos procuramos transmitir aos mais jovens. Mas, na maioria das vezes, é infrutífero. O jovem quer passar por suas próprias experiências, por mais dolorosas que sejam. Assim, a sabedoria dos mais velhos nem sempre, ou quase sempre, não é bem-vinda’.

- Meu filho olhou para o pai sem falar nada, apenas mostrando com um olhar o quanto ele havia entendido e aceito este seu pensamento. Apesar de o chamarmos de Pedrinho, ele já estava com os seus 40 anos de idade, casado, criando dois filhos.

- E uma noite, aos 70 anos de idade, o meu Paulinho teve um infarto de grande extensão logo após um banho de rotina. Ele ainda chegou com vida ao hospital transferido para a UTI, consciente.

- Em minha última visita à UTI do hospital, acompanhada de meus três filhos, nos pudemos conversar com ele e reafirmar o quanto nós o amávamos e o quanto ele era importante para todos nós. Pedrinho disse-lhe o quanto gostaria que ele acompanhasse os principais momentos de sua vida

que, com toda certeza, viriam, mostrando uma esperança que isto aconteceria. O meu querido Paulinho ouvia com um olhar sereno e terno. Não sofria dores. Mas, estava definhando rapidamente.

- Da UTI ele podia se ver os jardins do hospital, onde um bosque formado de Ipês Roxo em floradas dava um grande espetáculo da Natureza. Neste momento, ele acompanhou nosso olhar pela janela em direção ao bosque dos Ipês Roxo e nos disse:

- Vocês estão vendo aquele bosque de Ipês?

- Minha filha Arlete e meu outro filho Roberto calavam-se tristes e preocupados. Pedrinho, por outro lado, procurava manter uma moral positiva e respondeu em seguida:

- Sim, pai, ele estava me chamando a atenção por sua beleza!

- Observe a lição de vida que este bosque está nos dando! Chamou a atenção.

- Nós olhamos em direção ao bosque sem descobrir de imediato a lição de vida que meu marido se referia e ele continuou:

- Veja bem. No bosque temos Ipês de vários tamanhos, todos procurando o seu lugar ao Sol. O Sol é vida para as árvores. Através dele, elas podem florir e gerar suas sementes perpetuando, assim, a sua espécie. Crescer em busca do Sol é uma questão de sobrevivência para elas. Mas, note bem que as mais novas têm o tronco fino e uma pequena copa cujas folhas procuram desesperadamente o Sol. Estas estão em fase de crescimento e estão em desvantagem nesta competição. Já as mais velhas têm os troncos mais grossos e uma copa bem mais larga, uma vez que recebem mais raios do sol. Agora, veja aquele Ipê majestoso! O maior de todos! O mais velho! É ele que possui a maior copa de galhos e folhas. É ele que possui a maior quantidade de flores, conseqüentemente, irá gerar as melhores sementes para a árvore. Entretanto, observe o seu tronco. Veja como ele já está com muitos parasitas e se apresenta com diversos buracos que o estão deteriorando. Muito em breve ele sucumbirá à idade e cairá. Ao cair, ele estará abrindo um grande espaço para os demais Ipês menores conseguirem mais luz do Sol e crescerem fortes e saudáveis. Mas, enquanto isto não acontece, ele está usufruindo a melhor luz do Sol, ocupando o maior espaço para a sua copa, está dando as melhores flores e gerando as melhores sementes. Ele está vivendo o seu momento maior de glória em toda a sua vida. A vida é assim para todos os seres vivos, meu filho. A vida é assim.



Neste momento, eu estou me sentindo, também, no momento maior de glória por ter gerado filhos como vocês e pelas palavras de carinho que acabaram de dizer! Lembre-se sempre da mensagem transmitida pelo bosque dos Ipês, filhos e você, também, Matilde!

- Cansado, meu marido e grande pai de meus filhos virou-se para o lado e adormeceu para sempre, encerrando nossa visita, encerrando sua passagem por esta vida.

Vovó parou de falar por um instante e deixou rolar algumas lágrimas de seus olhos.

- Nossa, vó! Quanta história de família que a senhora tem para contar! Mas, vó. Eu não acho que senhora ficou devendo para seus pais e para o vovô. Acho que a senhora foi uma grande filha e uma grande esposa!

- Sabe? Acho que todos nós ficamos 'devendo' coisas importantes para os nossos entes queridos que se foram. As nossas prioridades são para os nossos próprios interesses, valorizando demais o nosso trabalho, nossos gostos, nossos sonhos e nossas realizações. Assim, perdemos a percepção de interdependência e do quanto o convívio com eles era tão importante. Não tenho dúvidas que todos nós ficamos 'devendo' para nossos familiares próximos, bem como parentes e até amigos que se foram. E, sem dúvida, todos nós, se pudéssemos voltar o relógio implacável do tempo e trazer de volta à vida todos eles, estaríamos mais conscientes do quanto poderíamos ter feito mais por eles em todos os aspectos do cotidiano da vida!

Você pode me perguntar se eles não me ficaram 'devendo' também. Certamente que sim. Mas, prefiro não recapitular este ponto e ocupar o tempo e meus pensamentos com a grande saudade que sinto de todos eles.

- Vó, querida! Hoje eu ganhei o dia conversando com a senhora. Mas, agora, is time to go to school!

Minha avó agradeceu minha visita, sem entender o meu compromisso!

Os dias que se seguiram meus pensamentos se voltaram totalmente para a minha festa de debutante. Eu estava completando meus 15 anos! E meu pai não quis poupar nesta minha festa. Ele queria que fosse uma festa para uma verdadeira princesa, como ele costuma me chamar carinhosamente em casa.

Quinze casais de amigos, todos vestidos iguais, as meninas com vestidos longos e os garotos com terno e gravata, dançariam a valsa da debutante.

Eu dançaria com o seo João Geraldo. O serviço de Buffet teria de tudo e do melhor! Seria a festa do ano no bairro e na minha escola.

Confesso que nos dias que antecederam à festa do meu aniversário eu somente tive olhos e ouvidos para mim mesma. Se eu já esquecia a presença de minha avó Matilde, mais esquecida ainda ela ficou durante este período!

Finalmente, o dia chegou. E eu tive uma grande e desagradável surpresa!

A festa transcorria a mil maravilhas e ao chegar a hora das fotos da debutante com os pais, parentes e amigos, o apresentador fez a chamada:

- Agora a foto dos pais de Laís, senhora Arlete e senhor João Geraldo e sua avó Matilde!

Meus pais subiram ao palco, mas não minha avó.

- Pai! E a vovó?

- Ela não pode vir, querida. Ela não estava se sentindo bem! Preferiu ficar. Mas, nada sério. Uma indisposição passageira.

Para minha avó perder a minha festa de aniversário ela, realmente, não deveria estar se sentindo muito bem. Confesso que o a festa perdeu um pouco de brilho depois que soube que vovó não estava presente. Na foto, sua ausência ficou registrada. No meu coração, por toda a vida!

A festa de aniversário de Laís terminou tarde, como esperado. Já passava das 3 horas da manhã quando ela e seus pais chegaram em casa. Apesar do horário, a primeira coisa que Laís fez foi se dirigir à edícula onde morava sua avó. Ela tinha certeza de que a porta não estaria fechada à chave, este era o trato combinado em família. Silenciosamente, ela entrou no pequeno quarto e ficou aliviada ao ver sua avó dormir tranquilamente.

- Durma em paz vovó. Amanhã eu cobro os meus parabéns!

Laís dormiu até tarde do domingo. Sua avó Matilde assistia a missa na TV no volume de som mais baixo. Não queria interferir no merecido sono de sua neta. Mas, olhava sempre para o quarto de Laís para saber quando ela estaria acordada para lhe dar o abraço de parabéns.

E já próximo do horário de almoço, Laís acordou com grande preguiça. Afinal de contas, ela tinha curtido tudo que podia em sua memorável festa de debutante.

- Nossa! 15 anos! E agora, sou uma adolescente ou já sou uma mulher? Na verdade, eu me sinto, ainda, mais uma criança! Pensou Laís se divertindo com ela mesma.

Ela tomou um rápido e leve café e, imediatamente, procurou por sua avó. As duas se abraçaram, a avó Matilde cumprimentou-as pelos 15 anos, esclarecendo que agora ela era uma mulher! Laís segurava sua avó em um longo abraço e brincava que não a deixaria escapar de seu abraço.

- Mas, vó! O que aconteceu que a senhora não foi à minha festa! Eu senti muito sua falta, sinceramente!

- Laís, eu senti uma tontura e perdi um pouco o controle de meus passos. Não é a primeira vez que me dá isto. Um médico diz que é problema de pressão, outro que é labirintite. Talvez, sejam as duas coisas. Mas eu fiquei aqui no meu canto imaginando a sua felicidade ontem à noite!

- Hoje é domingo, vó. Acabou sua missa?

- Já acabou faz tempo!

- A senhora é muito religiosa, não vó?

- Laís, na verdade, eu acho que o homem ainda está engatinhando quanto a uma compreensão e definição da grandeza e poder de Deus. Se pensarmos em termos da criação do Universo, com um número infinito de planetas e estrelas, com a possibilidade da existência de outras civilizações de seres inteligentes, o seu Criador é de uma grandeza tal que a sua compreensão pelo ser humano, que habita um planeta chamado Terra, um minúsculo ponto de referência no infinito do Universo, é muito incipiente e até atrevida. Você não acha?

- Ah, vó! Eu não tenho condições de achar nada neste aspecto!

- Eu acho que Deus, em certos momentos, sorri delicada e compreensivamente dos pensamentos humanos a Seu respeito. E o que se pode dizer, então, que religiões de diversos povos o veem com nomes e formas diferentes, conforme cada uma das crenças? E a razão para isto, eu creio, é que a grandeza e o poder de Deus são de tal incompreensão para o

ser humano que não existe uma religião voltada exclusivamente ao culto e adoração a este Deus Supremo e, sim, para os seus ‘intercessores’, como: Jesus, Buda, Maomé e dezenas de outros deuses e santos.

- Nossa, vó! Eu não sabia que a senhora era, também, uma filósofa!

- Não sou não, querida. Como eu disse, eu sou apenas uma normalista. Uma ex-normalista linda! Mas, às vezes, nos meus 75 anos, eu me vejo pensando sobre Deus. E fico intrigada. Como explicar, então, que todos nós sentimos a presença de Deus em nosso espírito? E quantas vezes falamos com Ele todos os dias? É como se Ele dividisse com todos os seres humanos uma parte de Sua infinita grandeza, atingido nosso espírito com um raio de Sua Luz. Assunto delicado, não? Então, vamos mudar de assunto. E quem sou eu para querer discutir sobre isto!

- É isto aí, vó! Agora, deixe-me ver o que eu tenho de lição de casa para amanhã. Tchau, vó!

- Vai, minha querida, vai!

A dona Matilde voltou a sentir tonturas e instabilidades na locomoção. A sua filha Arlete achou por bem levá-la ao médico.

- Vó, a senhora está com um quadro de pressão alta. Temos que tomar cuidado com isto. Mas, nada sério.

O doutor receitou alguns remédios para pressão, recomendou dieta e controle no uso do sal. Uma nova consulta ficou agendada para o mês seguinte.

Vovó saiu contente do médico. Idosos gostam de ver que seus entes queridos lhes dão atenção. Esta atenção de minha mãe teve um efeito mais eficaz para a minha avó do que os remédios!

E foi em uma tarde chuvosa, em um final de semana, que eu conheci minha avó de uma forma mais profunda quando à sua vida e seus sentimentos. Ela estava em seu quarto. Abria um baú onde tinham diversas peças de roupas. Ao lado, uma grande caixa vazia de papelão. Perguntei:

- Vovó, o que a senhora está fazendo?

- Ah, Láís! Eu estou vendo estas peças de roupas usadas. Eu acho que é chegada a hora de começar a descartá-las, dando a outras pessoas que

precisam. Antes eu retirava estas minhas lembranças do baú ou do guarda-roupa, passando e cuidando de cada peça de roupa símbolo do meu passado. Mas, eu acredito que têm muitas crianças e jovens que, ainda, poderiam usar estas roupas.

- Quais roupas, vó?

- São roupas minhas, quando eu era bebê, dadas por minha mãe, roupas de meus filhos, roupas que marcaram momentos importantes de minha vida e até roupas de meus netos!

- Que bacana, vó! Mas, por que a senhora está pensando em dar todas estas suas lembranças?

- Eu sinto que todas as vezes que eu reviro meu baú eu sou acometida de uma nostalgia do passado, sinto a falta dos momentos felizes e, igualmente, fico amargurada pelos muitos outros momentos tristes de minha vida. Assim, estou me questionando: ‘Será que eu deveria continuar guardando todas estas lembranças do passado em meu baú e guarda-roupa? Será que não poderia doar todas ou parte delas para pessoas que poderiam fazer um melhor uso delas?’. Além do mais, eu não teria mais espaço para minhas roupas novas. Mas, isto não será uma tarefa muito fácil para mim. Quais manter? Quais doar ou jogar fora? Eu me sinto como se estivesse mantendo algumas lembranças e outras apagando! E não acho isto justo e fiel ao meu passado. Mas, por que não começar aos poucos? Criar coragem aos poucos? Pegar uma ou outra peça e separar para doação ou lixo? Afinal de contas, é exatamente isto que meus filhos farão quando eu morrer. Com certeza, todas as minhas roupas e minhas recordações irão para doação ou lixo! Por que eu haveria de prejudicar o meu espaço físico do meu guarda-roupa e o espaço imaterial dos meus pensamentos?

- E para o que é esta caixa de papelão vazia, vó?

- Bem, num gesto que considerarei quase heroico, eu coloquei esta caixa de papelão ao lado do meu baú. Meu compromisso agora é, aos poucos, pegar peça por peça e tomar uma decisão: qual permanecerá no baú e qual será colocada na caixa de papelão para doação ou lixo. Para mim isto não será uma tarefa nada fácil. Mas, é chegada a hora! Estas peças de roupa são como pedaços de mim que estavam guardados há décadas no baú. Eu, às vezes, penso que, ao me desfazer de algumas, partes de mim seriam, igualmente, jogadas fora.

Eu pude compreender o dilema de vovó, mas não interferi. Era uma decisão muito séria para ela. Mas, eu concordava, no meu íntimo, que outras pessoas poderiam fazer um melhor uso de tantas peças de roupas. Elas estavam em muito boas condições.

Os dias se passaram, a caixa de papelão da vovó continuava vazia. Entretanto, uma tarde eu surpreendi vovó sentada na cama, pegando as primeiras peças. A caixa de papelão parecia sorrir e abrir a boca para receber alguma delas.

Eu me sentei ao lado de vovó e pedi para ela contar suas memórias, à medida que descartava suas tão queridas lembranças simbolizadas nas peças de roupas usadas.

E ela começou repassar sua vida, a cada peça que depositava na caixa de papelão:

- Estas foram as minhas roupas de bebê que minha mãe me dera quando eu tinha sua idade. São várias, cor rosa na maioria, e estão limpinhas e conservadas. Elas me fazem lembrar do que eu ouvia em casa a respeito do meu parto. Minha mãe já estava com 42 anos. A gravidez fora considerada incomum pela idade que ela tinha. Minha irmã estava com 14 anos, era uma moça. E o parto não foi nada fácil. Minha mãe sofreu uma violenta hemorragia que colocou a equipe médica em alerta máximo. Meu pai contava que estava na sala de espera e somente via médicos e enfermeiras se apressando no corredor que dava acesso à sala de parto. Mas, não sabia o que estava acontecendo, não sabia que a pressão de minha mãe caíra violentamente, colocando-a em risco de vida. Transfusões de sangue e medicação conseguiram reverter o quadro. Foi por um triz. Ela quase morreu para me dar a vida! Bem, o susto passou e lá estava eu gordinha, compridinha, vermelhinha nos braços de dona Marlene e ela toda feliz e aliviada.

Estas foram as primeiras peças que foram para a caixa de papelão. Alguma criança pobre poderia, ainda, fazer um bom uso delas, apesar de antigas e fora de moda. Mas, criança pobre não liga para estes pequenos detalhes, não é mesmo? Nossa, minha vó não acreditava! No fundo da caixa de papelão lá estavam as suas primeiras memórias libertas do baú!

Em seguida, ela pegou o seu vestido de primeira comunhão. Era um vestido simples, mas muito bem costurado e continuava impecavelmente branco. Lá estava, igualmente, o grande laço branco que sua mãe entrelaçara nos cabelos, como era costume de época. E vovó disse:

- Até hoje eu me lembro desta minha primeira comunhão. Eu fazia o curso primário no Grupo Escolar Almirante Barroso, no Jabaquara, próximo à Igreja São Judas Tadeu. Aos 7 anos a própria escola coordenou, em conjunto com a igreja, a primeira comunhão de toda minha classe. A maioria absoluta era de crianças católicas naquela época. Antes da primeira comunhão, a ser realizada brevemente em uma missa especial, as crianças tinham que assistir às aulas de catecismo no salão paroquial da igreja. Era uma preparação para esta grande festa católica. As aulas de catecismo eram ministradas pelo rigoroso e quase inclemente, Padre Clemente. Era um padre de expressões sérias, falava alto e tomava o catecismo com muito rigor.

- Após as aulas de catecismo, a igreja passava filmes, geralmente de Tarzan, Nyoka e O Gordo e o Magro. E as crianças não gostavam de perder as aulas de catecismo para não perderem os filmes! E o Padre Clemente, no final da aula, corria o salão com um ar austero, procurando crianças para responder perguntas sobre o catecismo. Confesso que eu ficava apavorada nestas horas. Por quê? Porque as crianças que não sabiam responder eram colocadas na frente do salão paroquial até o final do filme. Hoje esta prática pode até ser considerada não recomendável, mas era o rigor da educação que as crianças tinham naquela época. Nas aulas do grupo escolar não era muito diferente.

- E lá ia o Padre Clemente circulando pelo salão, apontando para uma criança: Você! Quais são os 7 pecados capitais? Você! Quais são os 10 mandamentos da lei de Deus? Você! Quais eram os nomes dos apóstolos? Você! Qual foi o imperador que condenou Jesus à crucificação? Eu abaixava a cabeça quando o padre Clemente passava pelos corredores do salão paroquial para não ser notado. Nada feito! Ele fazia as perguntas exatamente para as crianças que assim procediam.

- Uma vez fui parar na frente do salão e lamentava perder o filme. Eu esquecera o nome de um dos três reis magos! Melchior havia traído minha memória! O filme Tarzan era um seriado e a continuidade do último capítulo tinha me deixado muito aflito e curioso em acompanhar como o Tarzan escaparia de uma situação de grande perigo. Mas, na maioria das vezes, o padre Clemente relaxava o castigo e, logo após o início do filme, liberava as crianças castigadas. Assim, pude ver o Tarzan vencer a luta contra um feroz leão! Fiquei aliviada!

- Até hoje me lembro do dia de minha Primeira Comunhão. Eu tomaria minha primeira hóstia consagrada. A recomendação era para as crianças se apresentarem em jejum absoluto. Como a missa estava

programada para as 10h00 e a missa começou atrasada, eu me lembro de estar próximo de desmaiar de fome. Se não fossem as sacudidelas de minha mãe para eu me controlar e ter paciência, eu acho que desmaiaria sim! Após minha primeira comunhão, eu passei a ir à missa todos os domingos e me comungar, pelo menos, uma vez por mês.

- Naquela época, o católico somente podia se comungar se cumprisse o ritual da confissão. ‘Padre dê-me vossa benção porque pequei. Os meus pecados foram os seguintes...’. E eu desfilava para o padre, escondido atrás de uma cortina dentro do confessionário, os meus pecados de criança: Falei palavrão; desrespeitei os meus pais; deixei de fazer uma lição de casa da escola! E o compreensivo padre me ordenava rezar três padre-nossos e três ave-marias para a remissão dos meus pecados. Entretanto, na adolescência, idade em que passamos a ter vergonha de tudo e de todos, eu não me senti mais à vontade para confessar meus pecados ao padre, mais por minha timidez do que pelo aumento da quantidade ou da gravidade dos meus pecados! Assim, não podia mais comungar.

- Com o passar do tempo a obrigatoriedade de se confessar antes da comunhão deixou de existir e hoje os confessionários estão se tornando mais peças de decoração nas igrejas e peças históricas de recordação deste tempo. Bem, lá se foi o meu vestido de primeira comunhão para a caixa de papelão. Em muitos lugares ainda se veste as meninas com vestidos brancos para a primeira comunhão. Talvez o meu pudesse servir para alguma menina. Espero que ela goste! Ele é muito bonito! Quanto ao laço branco nos cabelos, isto caiu de moda. Mas, ele acompanhou o vestido branco por solidariedade.

E vovó continuava escolhendo as peças ‘condenadas’ à doação:

- Ah! Esta peça é muito especial. É uma blusinha branca com pintas pretas. Eu parecia uma dalmata quando vestia esta blusinha aos 11 anos. E por que eu a guardei? Bem, eu a estava vestindo quando comecei a ter meus primeiros sentimentos românticos. Quando comecei a prestar atenção que existiam meninos e que alguns deles chamavam minha atenção e faziam com que eu sentisse algo dentro do meu coração que não sabia explicar. E foi assim que aconteceu com Carlinhos, um menino muito bonito, inteligente e meigo, vizinho de rua. Eu já conhecia o Carlinhos há muito tempo. Tínhamos a mesma idade e crescemos juntos na mesma rua e até, por várias vezes, chegamos a ter aquelas brigas de criança.

- Mas, ambos crescemos. E aconteceu um dia, brincando de passa-anel, que eu olhei para o Carlinhos de forma diferente. Ele estava crescendo, tinha



seus longos cabelos loiros espalhados pela testa e um par de olhos azuis que pareciam o mar. E Carlinhos, igualmente, passou a me olhar de forma diferente. Seus olhos brilhavam quando ele me via, sorrindo de alegria. E, nesta brincadeira de passa-anel, ele sempre soltava o anel em minhas mãos. Eu não sei se todos conhecem esta antiga brincadeira de crianças. Hoje não se vê mais as crianças brincando de passa-anel.

- Era uma brincadeira onde várias crianças sentavam na calçada, ou algum banco da praça, e um começava o jogo escondendo um anel em suas mãos fechadas em forma de prece. E ele ia de criança em criança passando suas mãos fechadas no meio das mãos de cada uma, também fechadas em prece, até que, para uma delas, ele soltava o anel. Esta criança, então, se levantava e fazia a mesma coisa. Como o Carlinhos soltava o anel sempre em minhas mãos, quando era a sua vez, as crianças começaram com aqueles comentários: Ah! O Carlinhos gosta da Maria! O Carlinhos gosta da Maria! Ele sempre passa o anel para ela!

- Isto para mim era a morte. Eu ficava vermelha e envergonhada e o Carlinhos também. Coisas de crianças. Mas, foi neste dia que eu descobri que meninos existem para a gente escolher um para namorar e que, um dia teria, eu também teria um namorado. Eu guardei esta blusinha por causa disto. Nossa amizade se intensificou nos dias seguintes, procurávamos estar sempre juntos, fazendo a lição de casa juntos, indo para a escola juntos, sem entender bem sua razão. Alguns meses depois, os pais de Carlinhos se mudaram para outra cidade. E Carlinhos foi uma lembrança em minha mente que alguns meses foram suficientes para apagar. Mas, a blusinha branca com pintas pretas foi parar na caixa de papelão. Seria útil para alguma outra menina brincar de passa-anel!

- Este vestido aqui é uma lembrança de um período muito especial em minha vida. Foi a vestido que usei na festinha de formatura do ginásio. Talvez, quem é mais novo não se lembra ou não sabe que, antigamente, o atual curso fundamental era dividido em primário e ginásio, com quatro anos de duração cada um. E foi cursando o Ginásio Jabaquara, que eu fiz a transição de criança para adolescente. E esta foi, talvez, a fase mais maravilhosa de minha vida, a de maiores descobertas e emoções. Eu e minhas amigas ríamos de tudo e de todos. Estávamos maravilhadas com o corpo de mulher que ganhamos, apesar da ‘cabeça’ continuar de criança. Ah! Que saudades do riso fácil e alegria espontânea e inocente da adolescência. Vivia a época de descobrir a importância de ter amigos e muitos. Estávamos sempre juntos no cinema, nos parques aos finais de semana, nos piqueniques, nos bailes todos os sábados. Era uma época em que nós não tínhamos dúvidas de um futuro brilhante, seguro e de sucesso.

Eu me sentia muito importante. No primário eu tinha uma professora única para todas as matérias, no ginásio eu vivenciei a experiência de ter um professor para cada matéria. As aulas eram muito mais interessantes.

- A classe era mista e estava cheia de meninos adolescentes muito interessantes, entre eles o Paulinho! O Paulinho era o primeiro aluno da classe. Muito inteligente, tirava nota 10 em quase todas as provas e em quase todas as matérias. Ele era conhecido até pela direção do Ginásio Jabaquara como um dos melhores alunos. Era um menino muito tímido, quieto e lindo demais! Era de pouca fala e sempre estava com um livro nas mãos estudando ou fazendo pesquisas. Eu comecei a me interessar por ele, apesar de parecer que ele ainda não tinha descoberto que meninas são para namorar! E não era somente eu. Eu tinha uma rival, a Doracy. Ela vivia atrás dele o tempo todo. Para frustração minha e de Doracy, quando ele mostrava interesse por outra menina o fazia por Loreta. Mas, Loreta se interessava por um menino de outra classe que, por sua vez, gostava de outra menina. Hoje, como naquela época também, parece que é sempre assim. Eu e Doracy gostávamos de Paulinho, que gostava de Loreta, que gostava de outro menino, que gostava de outra menina!

- As atividades sociais entre os alunos da classe eram muito intensas. Piqueniques, excursões e muitos bailes. E foi em um destes bailes que todos da classe foram surpreendidos vendo Paulinho tocar harmônica em um conjunto musical, juntamente com seu irmão mais velho e outros amigos. Realmente, ele era muito quieto. Nunca falara isto para nenhum colega da classe. E foi uma noite maravilhosa. Ao som do Alexandre e seu conjunto, dançamos boleros, rock, samba-canção e outras músicas da época. Em dado momento, eu me aproximei de Paulinho, no intervalo do baile, e arrisquei uma pergunta: E o menino da harmônica, não dança? Ele sorriu para mim e prometeu em algum momento abandonar a harmônica para dançar comigo.

- Ele tinha 17 anos e eu 14 anos. Dançamos, nos conhecemos melhor e iniciamos uma grande amizade. Da época do ginásio eu guardava muitas peças roupa de lembrança, como do baile de fim de cada ano do curso, do dia em que dancei com Paulinho, de presentes de aniversário de minhas amigas. Entre eles, o vestido tubinho branco, um pouco apertado, com a barra um pouco acima do joelho. Com meus longos cabelos pretos e vestida assim, eu pude notar que fui um dos destaques na festa de formatura. E, o que foi mais importante para mim, eu vi olhos de admiração e paixão de Paulinho. No baile, eu tremi quando ele encostou seu rosto no meu, apertando em seus braços em um romântico bolero. Assim, começamos nosso namoro, que se transformou mais para frente em noivado e casamento.

Eu estava encantada com as histórias contadas por vovó, à medida que separava suas peças de roupa de seu baú de memórias.

E nesta tarde, várias outras peças foram parar na caixa de papelão. Vestidos, blusas, saias guardadas de lembranças de seus aniversários, eventos com suas amigas do ginásio e presentes recebidos de sua madrinha nestes dias. Vovó estava hesitante e com um nó na garganta. Mas, fez um bom progresso nesta tarde.

À noite, vovó me contou que voltou a pegar da caixa de papelão as peças jogadas, a hesitação se instalou em sua cabeça uma vez mais. ‘Talvez eu pudesse guardar por mais um tempo e depois...’. Disse vovó. Mas, manteve as peças na caixa de papelão. Mas, acreditem! Ela me confessou que chegou a ter pesadelo nesta noite.

E, assim, eu passei várias semanas acompanhando a vovó em sua difícil tarefa de se libertar as memórias escondidas no fundo de seu baú de roupas. E eu fazia isto com grande prazer e satisfação. Era como um filme que vovó fazia rodar em minha cabeça. Quase todas as tardes, eu, vovó e a caixa de papelão nos reuníamos para dar prosseguimento às histórias de sua vida cheia de riquezas, aventuras, prazeres e amores.

A caixa de papelão já estava ficando impaciente. Vovó fez uma vistoria geral das peças já descartadas na caixa de papelão para uma confirmação e se sentiu bem. Achava até estranho que, até o momento, ela estava confiante que todas as que ela tinha separado e descartado estavam de acordo com sua decisão.

E vovó chegou ao seu vestido de casamento do civil (o vestido de noiva ela já havia dado a uma prima). Esta era uma lembrança que ela guardava com muito carinho. O casamento a uniu ao meu avô Paulo, o Paulinho, por uma vida toda. Deste casamento nasceram três lindos e maravilhosos filhos.

E vovó se lembrou de uma passagem de seu passado, dizendo:

- Até hoje eu me lembro de uma cena em um ônibus que costumávamos pegar São Paulo ao Jabaquara. Eu estava grávida de minha filha Arlete e o Paulinho levava o Pedrinho no colo. Eu tinha 18 anos, ele 20. Quando nos levantamos e ficamos aguardando próximos à porta de saída do ônibus para descer, eu vi um casal mais velho olhando um para o outro e chacoalhando as cabeças, algo como um sinal de desaprovação. Eu não entendi o comportamento deste casal. Olhei meu vestido, pensei que fosse algo errado comigo. Mas, depois de muitos anos eu entendi a discreta

desaprovação do desconhecido casal. O fato de estar grávida e o Paulinho carregar um bebê no colo chamaram a atenção do casal para a nossa pouca idade e já estar com dois filhos sob nossa responsabilidade. Mas, eu somente fui entender esta desaprovação do estranho casal muitos anos depois. Bem, apesar de algumas poucas divergências e desavenças, fomos muito felizes. O vestido do casamento no civil vovó devolveu ao baú, decidindo mantê-lo por mais algum tempo. As peças que se seguiram foram todas descartadas sem maiores dificuldades. Eram lembranças de festas que ela participava com o Paulinho, geralmente festas sociais e eventos ligados à sua carreira.

- Eu não tinha as melhores lembranças destas festas. Vinda de família humilde eu encontrava dificuldades para me socializar no meio de pessoas a nível em que a carreira do Paulinho exigia. Eu me sentia insegura e fora do meu ambiente. E nestas festas me deparei com algumas poucas pessoas de coração gentil e que procuravam facilitar o meu entrosamento. Mas, conheci a hipocrisia e os falsos valores de pessoas que valorizam mais o nível social e o sentimento de superioridade com relação às outras pessoas. Portanto, descarto estes vestidos com o maior prazer!

Vovó chegou a algumas roupinhas que havia guardado quando esperava o seu primeiro filho. Mas, infelizmente, ela abortou. Realmente, não havia nada que justificasse guardá-las como lembrança de um triste episódio em sua vida.

E vovó chegou às roupinhas de seu primeiro filho, meu tio Pedro, o Pedrinho como ela chama até hoje.

- E o que a senhora lembra deste momento, vó?

- A experiência de ter um filho é a maior de todas para uma mulher. Na noite do parto, apesar das dores, eu não consegui dormir e fiquei admirando e amando o meu bebê. Era um lindo menino. E era lindo mesmo. Nada do efeito de 'mãe coruja'. Todos que o viam exclamavam: Maria, o seu filho é lindo! E ele continuou lindo quando criança, quando adolescente e quando adulto. E foi com o Pedrinho que eu aprendia a ser mãe, ele foi o meu treinamento, ele foi alvo dos meus acertos e erros. Eu estava aprendendo a ser mãe. Quanto eu corri com este menino! E como foi difícil para eu conciliar os compromissos de casa e cuidar de um bebê. Eram os problemas de saúde, tempo para olhar seus primeiros passos, ensiná-lo a falar, a acostumar-se com o jardim da infância, a conviver com seus amigos. E o Pedrinho perdeu seu trono na casa quando nasceu Arlete. Por um descuido nosso, a diferença entre ele e a Lalá era de apenas 11 meses. E, se eu errei em alguma coisa, foi o olhar que passei a ter dele como uma criança

crescida e que deveria entender bem as coisas e seus limites. Fiz um paradigma com a Lalá, um bebê. E esta mudança de comportamento meu fez nascer nele um sentimento de rebeldia, ciúmes e competição com os irmãos.

- Eu não tinha a menor ideia que eventos do cotidiano sem maior importância para mim, desta fase pudesse ter repercussões tão grandes quando o Pedrinho cresceu. Eu não consegui perceber que a rebeldia do Pedrinho era para me chamar a atenção: Mãe, eu ainda sou muito pequeno. Eu preciso de sua atenção também. Por que seus olhos brilham mais para a minha irmã? Por que seu tempo é mais dedicado a ela? E este sentimento o acompanhou a vida toda. Somados a outros acontecimentos nos relacionamentos em família, este sentimento fez com que ele se afastasse cada vez mais. Hoje ele nem me visita! E suas roupinhas de bebê são as únicas lembranças que eu me apego para tocar como se estivesse tocando nele, fazendo carinho, me redimindo de alguma forma de um involuntário erro do passado. Um involuntário erro de uma mãe com apenas 18 anos de idade que, ainda, carecia do próprio colo e amparo de sua própria mãe! E lá estava eu sentada na cama decidindo se guardava ou não as suas roupas de bebê. Achei melhor não guardar. Elas estavam bem conservadas e poderiam agasalhar bebês de famílias pobres necessitadas. Eu tentava, igualmente, esquecer estes episódios negativos do passado. Apesar destes episódios negativos representarem um número infinitamente inferior aos episódios de amor, carinho, atenção, momentos de felicidade juntos que passamos, eles permaneceram gravados na mente dele, enquanto os outros foram esquecidos.

- Hoje eu sigo meu caminho de solidão em direção a uma velhice cada vez maior, na esperança que um dia ele toque a campainha da casa e diga: Mãe, tudo bem? Como tem passado? Quanto tempo, não? Estava com saudades!

- Oh, vó! Agora, entendo porque o tio Pedro é tão afastado da gente. Mas, isto um dia vai passar! Eu disse, procurando consolar vovó.

E vovó chegou às roupinhas de minha mãe quando ela era, ainda, bebê.

- Roupinhas de minha mãe, vó! Que legal! Nossa, como ela cabia nestas roupinhas. Ela está tão gordinha hoje! Eu disse, curiosa.

- Ter uma filha é uma graça de Deus. Elas podem ser o que forem na vida, mas nunca se esquecem da mãe. E foi sempre assim com a Lalá. Até hoje ela é a minha principal companhia e amparo, marcando presença em

primeiro lugar entre minhas poucas visitas. Suas roupinhas eram todas delicadas, bem femininas e, para variar, em grande quantidade e variedade. Talvez seja por isso que ela sempre gostou de ter muitas roupas e variar na moda que muda sempre. Ou será que não? Isto já estaria no DNA de toda mulher?

As lembranças de vovó eram todas altamente positivas, mas, mesmo assim, não justificavam manter no baú peças de roupas tão boas e bonitas. Elas foram todas parar na caixa de papelão. E vovó exclamava, surpresa:

- Nossa! Eu já tenho uma caixa de papelão cheia de roupas. Vou providenciar outra, maior ainda. Mas, uma coisa eu tenho em mente - eu vou manter as caixas comigo até a última peça antes de fazer a doação. Assim, poderei rever alguma lembrança simbolizada nas peças de roupas descartadas que eu, eventualmente, gostaria de resgatar.

Vovó, por várias vezes, dava um tempo a este trabalho de selecionar as peças de roupa para doação. E, assim, se ocupava dos outros afazeres, dava suas voltinhas no parque ecológico próximo de casa. Suas idas ao médico se tornaram mais frequente. Seu problema de pressão alta se agravava.

Mas, logo ela voltava a viajar no tempo e separar suas lembranças. E, como sempre, lá estava eu ao seu lado me deliciando com as histórias de sua vida!

- Láis, veja! Este foi o meu primeiro vestido de festas. Era um lindo vestido preto, longo, decotado, que deixava meus ombros à mostra. Eu tive que fazer muita economia na época para poder mandar fazer este vestido. Entretanto, a ocasião era mais do que especial e merecida. Era a formatura do Paulinho! E foi uma festa muito bonita e emocionante. Tivemos a cerimônia de colação de grau. Aliás, ele ficou muito bem com sua beca. Parecia até um Juiz de Direito! E ele estava muito feliz e realizado, antecipando que uma nova vida estaria começando para nós. Dançamos muito na festa de formatura, recapitulando o nosso tempo no Ginásio Jabaquara, ao som de boleros e outras músicas linda. Às vezes, ele me via preocupada e sorria quando eu dizia: Será que o Pedrinho e a Lete estão bem com sua mãe? Mas, o que fazer com este lindo vestido, Láis? Talvez, nem mais na moda estivesse. Porém, poderia servir para alguém nem que fosse para aproveitar o lindo e caro tecido.

E lá foi o seu primeiro vestido de festa para a caixa de papelão. E vovó mudou sua expressão séria, quando viu algumas peças muito especiais.

- Ah! Esta outra peça me traz gratas recordações. Foi o conjuntinho de viagem que comprei para a minha primeira viagem internacional. Foi uma viagem de sonhos no México, em Cancun. Esta viagem foi, talvez, um dos momentos mais românticos que vivi com Paulinho após o nosso casamento. Ele trabalhava muito e se encontrava esgotado. De minha parte, eu também lidava com as crianças e os inúmeros afazeres da casa, em uma frenética corrida diária para lá e para cá. Ele chegava cansado e me encontrava cansada. Assim, não eram raras as vezes em que um não encontrava tempo para o outro. Porém, nesta viagem, pudemos nos reencontrar neste aspecto. Foram vários jantares elegantes ao som de música romântica personalizada em nossa mesa, viagem às ruínas Maia, passeios de barco, visitas aos parques aquáticos, shows e muitos outros passeios e atrações. Mas, o mais importante mesmo, foram as conversas e os entendimentos que mantivemos, aumentando e aprimorando a nossa cumplicidade. Entretanto, o conjuntinho já estava fora de moda. Era confortável, bom para se viajar de avião. E, quem sabe, seria ainda usado por alguém em um reencontro de emoções com o seu parceiro. Nunca se sabe onde estas roupas doadas vão parar!

Vovó fazia excelentes progressos na seleção e descarte destes seus tesouros do passado. Estava até surpresa consigo mesma, mas, contente. Ela dava espaço para que coisas novas entrassem em sua mente.

Assim, voltava ao seu baú com muito mais motivação.

- Sabe, Laís. Reviver momentos felizes nos ajuda no bem estar do presente. Interessante! As roupinhas do Pedrinho me chamam sempre a maior atenção. Por que será que nós mães acabamos dedicando mais tempo mental aos nossos filhos mais afastados? Saudades, com certeza! Mas, às vezes, chego a me considerar injusta com relação ao tempo dispensado mentalmente com os filhos que me dão mais carinho e atenção e são mais presentes. Repassei nas peças de roupas do Pedrinho as várias fases do seu crescimento, as roupinhas que usou enquanto esteve internado por desidratação que quase o levou à morte. Lembrei-me das noites inteiras sem dormir ajudando a dar-lhe soro na boca com uma colher, pausada e pacientemente para não o sufocar. As roupinhas do curso primário, o seu uniforme para desfilar na banda da escola no Dia da Pátria, os seus calções das aulas de natação, o seu terninho de primeira comunhão eram peças que me transportavam a um gostoso passado de convivência com este meu primeiro filho. E me pergunto? Como estas coisas não ficaram gravadas em sua mente a ponto de não o forçar a procurar por sua mãe? Bem, dizem que o que o amor que os pais têm pelos filhos e tudo que fazem por eles, seus filhos não os retribuem na mesma proporção. Mas, certamente amarão

e o farão tudo para os seus próprios filhos, mantendo este ciclo de falhas no reconhecimento e gratidão. Mas, se isto acontece de forma geral, como não entender e se conformar que isto faz parte da vida?

Uma coisa que meu avô Paulo gostava era da sua coleção de gravatas. Minha avó guardou ao menos uma dúzia delas, as que ele mais usava, no seu baú. E chegara o momento de sua decisão quanto às gravatas. Na verdade, pouco se usa gravata hoje em dia e ela não tinha a certeza de que descartá-las na caixa de papelão poderia despertar o interesse de alguém.

- Laís, o seu avô usava uma gravata para cada ocasião e de acordo com o seu estado de espírito. E eu podia ‘adivinhar’ estas ocasiões e seu estado de espírito através da gravata que ele usava. Por exemplo: se ele tinha um jantar sério de negócios e onde discussões importantes seriam tomadas, ele demonstrava a sua ansiedade e o seu estresse com uma gravata preta e pequenas bolinhas brancas; se ele tinha um evento mais descontraído e se sentia relaxado, ele usava uma gravata amarela com alguns riscos marrons. Mas, eu não tenho por que manter estas gravatas no baú.

E elas foram parar na caixa de papelão na esperança de servir para alguém, como um crente que se veste com terno e gravata para os cultos ao Senhor.

- Mas, vó! A senhora não vai guardar nada de lembrança do vovô? Eu perguntei.

- Laís, do Paulinho eu somente guardei um lenço da pura seda que ele me deu em um dia em que não comemorávamos nada em um jantar, simplesmente dizendo: ‘Minha querida, eu espero que a vida nunca a faça chorar de tristeza por mim ou por algo que eu possa ter feito. Se isto acontecer, saiba que não era este o meu desejo. Eu sempre dei tudo de mim para vê-la feliz e ver minha família amparada e feliz! Espero que nunca você use este lenço!’. Este lenço eu guardei e o usei a primeira vez para enxugar as lágrimas do dia em que ele partiu. E este lenço eu vou levar comigo, também.

Como sempre ocorria quando vovó sentia solidão ou estava aborrecida com alguma coisa, ela recorria ao baú de roupas para continuar o seu trabalho de desapego. E chegou às roupinhas do Beto, o seu filho caçula. O Roberto, o tio Beto para nós, desde criança mostrou grande paixão e interesse pelos animais.

E vieram à sua mente recordações da infância do Beto e vovó completava:



- Beto, pare de mexer nesta galinha! Isto não é brincadeira!
  
- Eu chamava sua atenção, enquanto ele revirava e remexia órgãos internos de uma galinha pronta para se transformar em um ensopado. E respondia empolgado:
  
- Veja mãe, isto é o fígado! Olha o coração!
  
- Ele tinha pouco mais que dez anos e procurava comparar os poucos conhecimentos de anatomia aprendidos na escola com as vísceras da desafortunada e predestinada galinha. Esta é uma das lembranças mais antigas que eu tenho e que começavam a transparecer a vocação do futuro Médico-Veterinário, apesar de, na época, parecer uma simples brincadeira de criança. Ele sempre foi profundamente interessado em animais e assuntos relacionados à natureza. Acompanhava atentamente os programas de televisão, lia todos os livros infantis que traziam conhecimentos da vida animal e o equilíbrio da natureza. Nunca matou um animal voluntariamente. Mesmo as pequeninas formigas, os tatuzinhos, que apareciam às dezenas no quintal de minha casa. Sempre procurou ser generoso com os pequenos animais, não importando ser um inseto ou uma lagartixa. Quanta peripécia ele fazia para libertar uma borboleta que entrava acidentalmente na casa ou uma lagartixa presa entre as paredes da casa. Como quase sempre acontecia, todos queriam simplesmente livrar-se deles matando-os e jogando-os fora. Ele não admitia isto. Corria atrás de saquinhos plásticos para montar armadilhas com as mãos com o objetivo de aprisionar a borboleta ou a lagartixa para, depois, soltá-las no quintal. Antes, ele se atinha a examiná-las detalhadamente. Ele se encantava com suas cores, sua constituição física, analisava os movimentos das patas e dos olhos, enquanto a lagartixa andava no ar presa entre seus dedos.
  
- Muitas vezes ele ficava com estes animais por um tempo além do razoável, sem feri-los, sem pressioná-los, apenas admirando e estudando-os. Acompanhava, até onde fosse possível, o caminho percorrido após libertá-las. Ele se sentia imensamente feliz com esta atitude e sofria muito quando, por um descuido seu, um amigo adotava os métodos mais comuns – as matavam e as varriam para fora, sem qualquer valorização. Ele procurava intervir sempre. Chamava atenção e procurava conscientizar a respeito da complexidade que cada um destes animais tinha. Procurava sensibilizar para as habilidades incomuns de uma simples lagartixa - andava sobre o teto e paredes, comia insetos indesejáveis. A borboleta, além de colorir a primavera, polinizava as flores, cumpria o seu papel na geração de frutos. Ora ele conseguia sucesso nesta tarefa, ora era alvo de brincadeiras dos irmãos ou amigos. Mas, ele não desanimava nesta tarefa de conscientização.

Ao contrário, procurava entender mais ainda sobre os animais para melhorar a sua argumentação. E isto funcionava em alguns casos e lhe dava uma sensação de vitória, parcial, mas vitória.

- Sua infância foi marcada por esta tendência. Pedia como presentes e, muitas vezes conseguia, patinhos, pintainhos, tartarugas, ramsters. E isto enfeitava a sua infância, ocupava o seu tempo e constituía um desafio de compreender os sons, os movimentos, os gostos alimentares, os períodos de descanso, as brincadeiras destes seus pequenos amigos. Isto lhe prendia em casa e ele se sentia feliz. Seu mundo completou-se quando, já na adolescência, ganhou um cachorro da raça dalmata. Ele e o Chunk desenvolveram uma amizade bonita e incomum, com cenas que jamais esqueci.

- Seu pai dizia que um aspecto chamava sua atenção e que não era comum para crianças da sua idade – sua profunda admiração e encantamento com a natureza, sua flora e fauna. Ele sofria, e muito, quando via na televisão cenas de destruição e poluição provocadas por queimadas, derrubadas da mata, garimpos.

- E Beto se questionava:

- Se o repórter da televisão esteve lá, por que a polícia não descobre as pessoas que estão fazendo isto para prendê-las?

- E como era difícil para eu encontrar uma resposta adequada que pudesse explicar sua indignação. Como explicar para uma criança a respeito dos fazendeiros gananciosos e impiedosos com a natureza, da qual ignoram depender tanto? Como explicar porque os homens destroem uma serra inteira, com sua verdadeira riqueza de biodiversidade vegetal e animal, para de lá retirarem alguns quilos de ouro? Como explicar a fome e miséria de muitas pessoas que desmatam e destroem uma vegetação com árvores centenárias para plantar alguns pés de mandioca e de milho para deles tirarem o sustento de suas famílias? Como explicar, enfim, a falta de uma consciência ecológica de nosso país, onde se caminha a passos largos para a destruição de uma riqueza incalculável que poderia, se bem explorada e conservada, representar a salvação para muitos de nossos problemas? Como explicar as madeireiras nacionais e estrangeiras que destroem milhões de árvores para gerar tão poucos empregos e tão pouca renda para o nosso país? A resposta à minha era, invariavelmente, que esta destruição era parcial, que havia, ainda, muitos lugares naturais, bonitos, conservados onde os animais e as plantas podiam conviver harmoniosamente. Os seus

sentimentos de criança, revelando um amor incomum à natureza, não eram compartilhados pela maioria das crianças de sua idade.

- Suas roupinhas, agora seguindo para outro destino via caixa de papelão, eram todas enfeitadas com bichinhos. Assim que o Beto conseguiu se expressar de alguma forma, ele já apontava as roupinhas que queria. Invariavelmente, ele queria roupinhas com bichinhos diversos. E não deu outra. O Beto formou-se um grande Médico-Veterinário e mantém, atualmente, de uma reserva de preservação da Mata Atlântica em São Paulo. Suas roupinhas seguirão para crianças pobres e, quem sabe, despertarão novas vocações.

E vida de vovó continuava, suas caixas de papelão já somavam três unidades! Ela estava quase no final desta limpeza de suas memórias passadas, retratadas em peças de roupas usadas nos momentos marcantes de sua vida.

E vovó chegou a algumas peças que foram muito importantes para ela – as das formaturas de seus três filhos. O tio Pedro formou-se Administrador e se tornou um comerciante. A Lete, formou-se em Secretariado Executivo e seguiu carreira na área de administração do lar! E o Beto formou-se em Veterinária. Eles eram sua maior realização. Vovô e vovó conseguiram com que eles ‘chegassem lá!’. Valeu a pena tanta luta.

- Laís, seu avô Paulinho sempre dizia: ‘Uma pessoa pode crescer e ser bem sucedida na vida. Entretanto, se esta pessoa não conseguir fazer com que seus filhos cheguem lá, ela morrerá extremamente frustrada!’. E ele, como sempre, tinha razão nesta sua filosofia de vida.

Mais quinze peças desta época foram para a última caixa de papelão.

- Quem sabe elas poderão servir pais e mães que tiverem a alegria e realização de ver seus filhos formados e prontos para uma carreira na vida, como serviram para mim. Disse vovó.

Vovó, sempre que podia, buscava muito refúgio na natureza. Procurava andar lentamente nos parques, ouvindo o silêncio das plantas, quebrado apenas pelo canto dos passarinhos.

- Laís, sabe de uma coisa! Eu acho que, se a Natureza pudesse se apresentar, ela diria algo assim:

‘Às vezes sou levada pelo vento, pelas águas cristalinas e pelas folhas que caem das árvores. Eu vivo em muitos lugares de nosso planeta. Eu vivo no canto dos pássaros, nas flores, no orvalho da noite que umedece as folhas

das árvores, na brisa do vento, no sol da manhã, no frescor da mata, no ar puro da montanha, no frio das geleiras, na suavidade da neve. Vivo nas praias acariciadas pelo mar, em uma flor de um pequeno vaso ou em grandes jardins. Vivo nas cachoeiras e corredeiras dos rios, vivo embaixo das folhas mortas e úmidas das florestas, vivo nas areias secas dos desertos. Vivo em muitos lugares, principalmente no nascer de uma vida. Morro ao som de uma serra elétrica ou de um machado, morro ardendo no fogo dos campos e das matas, morro sufocado pela poluição e pela destruição dos lugares onde moro. É muito comum as pessoas se apaixonarem por mim quando me conhecem! Descobriu quem sou eu? Eu sou a NATUREZA! Agora você me conhece melhor saberá onde me encontrar. Venha me visitar nos lugares onde moro. Tenho a certeza absoluta que isto trará para você mais encantamento, mais saúde, mais paz e tranquilidade, mais lazer saudável e passará a ocupar uma parte significativa de seu tempo comigo. Meu Mestre fala que a verdadeira verdade da vida está no reencontro com a Natureza. Experimente fazer isto! Você poderá me encontrar em milhões de lugares no mundo. No Brasil ainda tenho muitos lugares de morada, apesar de eu estar perdendo muitos espaços pela ação perversa, ambiciosa e destruidora dos homens. Vocês poderão me visitar quando quiserem nas áreas de proteção ambiental, reservas, parques estaduais e nacionais, e se deslumbrarem com tudo o que eu posso oferecer. Mas, vocês poderão também me encontrar numa planta que insiste em sobreviver na trinca de uma ponte de concreto, no pardal encardido pela poluição que busca alimento nas latas de lixo, no beija-flor que aparece na varanda de seu apartamento, nos milhares de pássaros que invadem às cidades grandes por não encontrar mais habitat naturais para viverem, em uma pequena flor criada no vaso. Enfim, em muitos outros lugares onde haja um olhar de amor, um ar romântico e admiração pelo belo. Não vamos dizer adeus, vamos dizer um até breve!.

E vovó concluiu:

- Às vezes eu chego a pensar que em nosso DNA nós ainda trazemos os registros de nossas origens primitivas, tal a identificação que sentimos ainda hoje ao adentrarmos uma mata e nos reencontrarmos com estes valores tão incrustados em nossas mentes. Nós substituímos o esforço para sobrevivência pelo trabalho, deixamos de morar em cavernas pelas casas, abandonamos a caça e coleta de frutos na Natureza pelos supermercados. Mas, no fundo somos todos filhos da mãe Natureza e precisamos resgatar o seu convívio, agradecê-la e protegê-la.

E eu pensava: ‘Agora entendo porque vovó está sempre jogando alimentos para os pássaros e alimenta os cães e gatos abandonados nas ruas!’.

- E, vovó! O que a senhora mais aprendeu com a vida com relação a filhos? Eu perguntei. Sempre é bom aprender com os mais velhos e experientes!

- Nossa! Cometemos muitos erros, involuntários, certo, mas cometemos muitos erros em nossas relações com nossos filhos. Só para citar alguns: quando lembramos fatos da vida de nossos filhos quando crianças que possam trazer memórias negativas ao presente, como: brigas, disputas, egoísmo, ciúmes, maldades, violências. Estes comentários podem detonar e reavivar estes comportamentos, com impactos negativos nos relacionamentos atuais deles. Quando destacamos que um dos filhos dava muito mais trabalho quando criança e o outro era o exemplo de bom menino. Isto o diminui perante a família e provoca competição e ciúmes entre os irmãos. Quando demonstramos maior satisfação quando ao sucesso profissional de um filho e menor reconhecimento aos esforços dos outros em vencer na vida. Enfim, diversos acontecimentos que, apesar de nossas boas intenções, fomos mal interpretados, gerando problemas de relacionamentos.

Vovó parou de falar. Eu pude perceber que ela ficou profundamente triste. Talvez, lembrando-se do relacionamento com o tio Pedro.

Vovó já não tinha mais peças de roupas para avaliar se deveriam ou não ir para as caixas de papelão. A 'limpeza' do baú estava, finalmente, encerrada. Mas, como ela disse, aguardaria alguns dias, talvez algumas semanas, para uma plena convicção. Não gostaria de errar em uma ou outra peça. Todas elas foram muito importantes para ela e eram símbolos de seu passado e a ajudavam na recapitulação de sua vida e em reviver momentos felizes junto com seus filhos e seu Paulinho.

Após um longo suspiro, vovó disse:

- Ah, filhos! Nossas eternas crianças. Mas, eles nunca vão entender ou aceitar isto. Este é um aspecto das relações pais e filhos que nunca fica resolvido satisfatoriamente. Para nós pais, os filhos são nossas eternas crianças. Assim, queremos continuar protegendo-os, educando-os, orientando-os a vida toda. Eles, por sua vez, crescem e não aceitam este comportamento dos pais. E, o que é pior, não raras vezes, eles reagem pessimamente quando adotamos estas atitudes. Chegam até ficar irritados e impacientes com interferências mínimas, como: 'Você está levando os seus documentos?', 'Você não se esqueceu de nada?', 'Mas, não seria melhor você mudar de emprego?'. E não aprenderemos nunca a lição? Não conseguiremos nunca mudar este nosso instinto maternal e paternal? Filhos

é um acontecimento muito sério em nossa vida. Aliás, com os filhos, dividimos nosso próprio corpo e alma. Parece que não ficamos mais inteiros. Ter filhos é a mais rica, forte e profunda experiência do ser humano. Eles chegam à nossa vida com a garantia de nosso amor incondicional. Dependem de nosso amor, dos cuidados que temos. E retribuem com gestos que enternecem.

- Mas, os anos passam e os filhos crescem. Escolhem seus próprios caminhos, amigos e profissões. Trilham novos rumos, afastam-se dos pais. O tempo se encarrega da formação de novas famílias. Os netos nascem. Aí, percebemos que envelhecemos! E então algo começa a mudar. Os filhos já não têm pelos pais aquela atitude que tinham antes. Muitos deles agora só ouvem os pais para fazer críticas, reclamar, apontar falhas. Eles já não nos olham com a mesma admiração da infância e isso é representado para nós uma imensa dor. É quando nós idosos nos perguntamos: que fiz eu? Por que o encanto acabou? Por que meu filho já não me tem como seu grande herói? Apenas passaram-se alguns anos e parece que eles se esqueceram dos cuidados e a sabedoria que passamos para eles. Eles querem ter suas próprias referências para suas vidas. Aos poucos, a atitude dos filhos se torna cada vez, mas impertinente. Praticamente não ouvem mais os conselhos. A cada dia demonstram mais impaciência e intolerância. Aham que os pais têm opiniões superadas, antigas. E tentam nos fazer se adaptar aos novos tempos, aos novos costumes. Quanto mais envelhecemos, mais os filhos assumem o controle.

- Quando somos bem idosos, já não decidimos o que queremos fazer ou o que desejamos comer e beber. Raramente somos ouvidos quando tentamos fazer algo diferente. Passeios, comida, roupas, médicos - tudo passa a ser decidido pelos nossos filhos. E, no entanto, somos apenas idosos. Mas, continuamos em plena posse da mente. E mesmo quando nossos filhos constituem suas famílias eles continuarão nos dando preocupações. Difícil não querer saber se eles estão felizes, se estão realizados profissionalmente, se estão educando bem seus filhos como nós os educamos. Não adianta. Os filhos crescem e transformam-se em gente, mas não nos livraremos das preocupações. Enquanto eles estiverem sob o nosso teto, só pegaremos no sono ao escutarmos o barulho da chave abrindo a porta da casa. E quando não estiverem mais conosco, dormiremos acordados, esperando para um eventual telefonema no meio da noite ou tentando imaginar se chegarão bem, se estão a salvos.

- Para os pais e, principalmente, para as mães os filhos nunca crescem. E, quando menos se espera, o ninho fica vazio. Entre pais e filhos sempre haverá um desequilíbrio entre o dar e receber. Os pais sempre dão e os

filhos recebem. Mas, a vida é assim mesma, com o tempo a gente se acostuma de ver eles crescendo, ganhando asas e voando pra longe de nós. É o caminho natural da vida, pense nisso! Temos a consciência de que eles vão para o mundo e não importa o que façam, desejamos com toda nossa força que tenham saúde e sejam felizes não importa onde e com quem. Os pais envelhecem. Mas, eles se esquecem disto. Não queremos que nossos filhos nos abandonem! Queremos cuidar das suas vidas até o fim de nossas vidas!

Vovó, voltou a suspirar profundamente e me surpreendeu com uma pergunta:

- Láis, meu baú de memórias está vazio. Eu às vezes penso se não seria melhor para sua mãe e seu pai se eu fosse para um asilo!

- Vó! Mas, por que a senhora está falando assim? Todos nós gostamos muito da senhora e nos sentimos muito bem com sua presença aqui em casa. A senhora não dá trabalho em nada. Ao contrário, está sempre ajudando. Nem ouse falar isto para a mamãe e para o papai!

- Eu sei disto, querida. Mas, eu estou avançando na idade. Mais tarde ou mais cedo, este quadro vai se alterar dramaticamente. Eu não quero nunca atrapalhar a vida e rotina do casal! Hoje existe uma diversidade de asilos e casas de repouso que podem oferecer condições de vida muito melhores do que aquelas patrocinadas pelas famílias ou aquelas enfrentadas pelos idosos que moram sozinhos. Nos asilos e casas de repouso os idosos encontram seus pares, podem conversar, interagir socialmente, assistirem TV, juntos, terão amigos, evitarão a solidão. Muitos asilos têm assistência médica e de enfermagem, opções de quartos coletivos ou apartamentos individuais, os idosos podem servir-se de restaurantes coletivos ou preparar suas próprias refeições.

Eu interrompi a vovó, dizendo e fingindo que estava muito brava:

- Vó! Nem pensar. Esqueça isto. Como vamos viver sem a senhora aqui em casa! Nem pensar! A senhora vai ter que nos engolir até o fim!

Após o almoço, minha mãe entrou no quarto e viu as caixas de papelão ao lado do baú de vovó:

- Mãe, o que são estas roupas? Está fazendo limpeza no seu guarda-roupa?

- Sim, filha. Estou me desfazendo de algumas peças de roupas que eu guardava como lembranças de alguns momentos de minha vida. Mas, é chegado o momento de dar um melhor uso para elas. Muitas pessoas estão precisando!

Minha mãe se interessou e despejou as três caixas de roupa em cima da cama e pediu que a vovó contasse a história de cada uma delas. Ficamos quatro horas nesta rápida recapitulação. Para mim, um agradável replay.

Ao final, minha mãe pediu:

- Mas, mãe! A senhora não vai se arrepender de dar ou jogar fora todas estas suas lembranças?

- Não, minha filha! Acredito que não! Prefiro mantê-las guardadas somente em minha mente e me desfazer delas em favor de pessoas que possam fazer ainda um bom uso delas!

- Está bem! Mãe! Posso ficar com esta roupinha de seu nascimento? Gostaria de guardá-la como recordação. Afinal de contas, foi o seu nascimento que garantiu o meu nascimento!

Nós três rimos como bobas e lá se foi minha mãe com um agasalhinho rosa felpudo que minha avó usou após o seu nascimento. Minha mãe separou, também, diversas roupinhas que ela usou quando bebê e alguns sapatinhos. Ela punha seus dedos dentro dos sapatinhos para melhor imaginar como ela era pequena.

Com certeza minha mãe guardará estas roupinhas e sapatinhos por uns tempos até encontrar sua própria caixa de papelão um dia em sua vida. O bebê que receberia estas roupinhas e sapatinhos terá que aguardar por esta outra oportunidade...

A reclusão era o melhor remédio nesta fase que vovó passava na vida.

Ela queria aproveitar o tesouro de tempo que ela tinha da maneira mais saudável e intensa possível. Ela procurava gastá-lo lenta e deliciosamente em várias atividades. Uma delas, andar pela manhã e à tarde pelo Jardim Botânico da cidade onde morávamos. E fazia isto regularmente, salvo quando estava em viagens e fora da cidade. E esta caminhada rotineira era alternada por manhãs e tardes ensolaradas, outras tantas nubladas.



Muitas vezes, ela permanecia sentada em um banco do lado de fora do Jardim Botânico, mas bem próximo à cerca que isolava o parque da rua, do lado do grande lago. Vovó olhava para o céu, tomava nota em um pequeno caderno, olhava para o céu novamente, fazia mais anotações. E isto se repetia todas as tardes, com raras exceções. Algumas pessoas passavam e não sabiam o que eu estava fazendo. Talvez, a julgassem uma velha louca!

Em uma destes finais de tarde, eu vi a vovó nesta cena e, intrigada, perguntei:

- Vovó, o que a senhora está fazendo? Eu noto que a senhora vem quase todas as tardes aqui, no mesmo horário!
- Sim, sempre que posso eu faço isto. O entardecer me dá muita paz e alívio para o meu coração!
- Mas, o que a senhora tanto anota neste caderninho? Eu noto que a senhora fica olhando para o céu, depois baixa a cabeça e faz anotações e repete isto em várias oportunidades. Pensei que a senhora estivesse com algum problema!

Com um leve e acanhado sorriso nos lábios, vovó me respondeu:

- Não, eu sou normal. Pelo menos sou tão normal quanto a maioria das mulheres, espero! Mas, minha querida neta tem alguma ideia do que eu faço todas as tardes aqui?
- Não senhora. Não tenho a menor ideia.
- Eu gosto de ver o retorno das garças brancas para o parque! Nos primeiros dias, apenas sentava aqui para admirá-las. Depois, notei que elas formavam bandos constantes e vinham de diferentes posições. Aí me interessei a anotar o horário, o número de garças brancas em cada grupo e a direção de onde vinham.
- Que interessante!

Eu não entendi bem a graça de se fazer isto. Mas, não me atrevi fazer algum comentário que pudesse transparecer esta minha posição pessoal para a vovó. De fato, todas as tardes bandos de garças brancas se dirigiam ao Jardim Botânico para se recolher em árvores às margens do lago e dormir. Eu já havia notado isto e, de quando em quando, olhava para o céu acompanhando este movimento. Mas, nada que me levara a uma análise mais profunda desta movimentação das garças brancas.

- E por que a senhora faz isto, vovó?

- Faço isto para me distrair e tenho feito grandes descobertas. Por exemplo: eu noto que temos fixos 15 bandos de garças brancas e o número de aves em cada bando é o mesmo, variando de 6 a 18 exemplares por bando. Cada bando tem uma diferença de horário para pousar, mas com poucos minutos de diferença. Geralmente, os 15 bandos pousam no horário das 17h30 às 18h00. Eles veem de posições diferentes, mas cada bando obedece sempre a mesma posição.

- Nossa! Que interessante! Eu passo aqui todas as tardes, vejo as garças brancas pousarem, mas nunca tinha prestado atenção a estes detalhes. Eu disse, procurando mostrar interesse.

- Mas, há outras observações. Às vezes eu noto que um bando voltou com uma ave a menos em seu bando. Fico imaginando o que possa ter acontecido no dia para esta perda. Será que encontrou um novo bando ou parceiro e foi para outros cantos? Teria sido devorada por algum predador? Após a primavera, com o nascimento dos filhotes, novos bandos se formam e se vão. Mas, apesar de tantos filhotes, o número de bandos não aumenta e nem o número de aves por bando. Com certeza a nova geração de garças brancas foi procurar outros lugares para procriar e dormir a cada tarde. É uma forma, talvez, da espécie se espalhar pelo mundo.

De repente, vovó parou de falar e ficou olhando fixo para o céu, fechando-se em um semblante pensativo e triste. Após alguns minutos, rompeu seu silêncio. Já estava escurecendo.

- Láis, veja como este simples fenômeno da natureza às vezes se parece com nossas vidas!

- Como assim, vovó?

- A garça branca que não voltou pode ter encontrado um novo amor, abandonando sua companheira de tantos anos que o esperava no ninho. Ela tinha a certeza absoluta que tinha um companheiro para dividir sua vida para sempre e, de repente, o perdeu!

- A senhora fala isto com certa dor e mágoa!

Vovó sorriu com ar de despedida e foi embora, fazendo sua última anotação do dia, registrando os dados de um bando de garças brancas retardatárias, se levantando e sumindo na extensão da avenida.

Como as garças, vovó partiu e nos deixou. A pressão alta tinha sido fatal através de um derrame cerebral de grande extensão. Ela não sofreu.

Mas, com vovó eu aprendi uma lição que levarei comigo por toda a vida.

As pessoas veem os idosos muitas vezes com semblantes sofridos e tristes, agravando sua aparência. Se elas se interessassem mais e aguçassem sua curiosidade poderiam até descobrir o mundo que está por detrás destes idosos, como vivem, quais os seus problemas, suas histórias, seus dramas, seus sonhos. Mas, raramente os jovens se interessam por conversar com idosos. Eles ficam como livros antigos, ficam melhor quietos em uma prateleira.

Eu passei a olhar meus pais com outros olhos. Eles, também, estavam envelhecendo e eu já estava ‘devendo’ muita coisa para eles, focada que eu vivia somente em minha vida, meus sonhos, meus amores e meus problemas.

Em casa, minha mãe Arlete, a Lete da vovó, jogava mais uma peça de roupa em seu baú de memórias - os agasalhinhos que eu e o Victor usamos quando bebês.

E quem sabe, um dia, eu terei minha própria caixa de papelão!

Esta tarde combinei com meus pais passear no Parque Ecológico de mãos dadas. Eu tinha um evento com meus amigos. Mas, desta vez, eles terão que esperar...

FIM